

## 5

### **Entrevista Coletiva – Nada sobre nós sem nós, mas nós quem?**

A análise da entrevista coletiva segue uma estrutura um pouco diferenciada da utilizada nos perfis individuais.

1 - O item CONTEXTO DO ENCONTRO se mantém, explicitando as condições em que ele se deu.

2 - Depois vem a análise de aspectos da DINÂMICA DE INTERAÇÃO DOS PARTICIPANTES, prestando atenção nas posições que os interagentes ocupam, tais como: de liderança, audiência, moderadora etc. A forma como a palavra circula fornece pistas de como o poder está sendo exercido na interação e se os interagentes conseguem criar um efeito de grupo, ou seja, uma dinâmica que gera consenso.

3 - Em seguida, apresento o item NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS onde destaco os principais temas que emergiram na discussão, levando em conta os posicionamentos e interdiscursos apresentados, isto é, a análise dos discursos culturais que estão sendo legitimados no coletivo. Para evidenciar o movimento dos posicionamentos adotados, contrastei algumas posições ocupadas pela mesma pessoa no coletivo e na situação individual de entrevista.

4 - Por fim, o item BALANÇO DE POSIÇÕES tenta captar se foi ou não estabelecida uma posição de grupo sobre os temas levantados.

A *agenda tópica* foi pautada pelas impressões<sup>1</sup> das primeiras entrevistas articuladas às questões da pesquisa. No entanto, como a primeira questão da agenda já mobilizou a discussão, ela acabou incorporando o entendimento mais aprofundado do que estava sendo dito. Assim, ao final da entrevista, podemos depreender o seguinte ‘roteiro’:

a) apresentação – da pesquisa, da moderadora, da assistente que ia filmar e de cada um dos participantes.

b) pergunta sobre a existência, no Brasil, de identidade deficiente – explorando a tensão igualdade x diferença.

c) contraposição ação individual x ação coletiva (ou posição sobre os movimentos sociais brasileiros em prol da deficiência).

---

<sup>1</sup> Digo impressões, pois, naquele momento eu já tinha feito a transcrição da maioria das entrevistas, mas não tinha iniciado sua análise.

- d) pergunta sobre aliados e sobre quem são seus *outros*.
- e) motivos de participação na pesquisa.
- f) fechamento – agradecimentos e esclarecimentos.

#### SITUAÇÃO DO ENCONTRO

Como já foi dito, ao final das entrevistas individuais os entrevistados eram convidados a participar de um momento coletivo, a ser realizado futuramente. Assim foi feito. Fiz contato por telefone e ou e-mail com cada um deles, até encontrar data e local que atendessem à maioria. O Seminário do Programa Rompendo Barreiras foi uma ocasião em que pude confirmar pessoalmente algumas presenças. Nesses contatos, pedi autorização para que a sessão fosse filmada e que trouxessem consigo uma música que os identificasse. Com exceção de Gabriel, nenhum deles apresentou a sua música. Não ficou muito claro se as pessoas já se conheciam do Rompendo Barreiras - com certeza, Fábio e Antenor, sim. Provavelmente, Lia e Daniel, por não estarem vinculados ao Programa, não conhecessem ninguém. A entrevista coletiva foi realizada numa sala cedida ao PRB pela UERJ, numa tarde de sexta feira. Para facilitar a análise, a entrevista foi filmada por uma assistente de pesquisa. Duas pessoas que estiveram presentes na etapa das entrevistas individuais não participaram da coletiva – Ruth, que não conseguiu desmarcar um compromisso previamente agendado, e Josué, que confundiu o dia, comparecendo ao encontro uma semana depois. Marcos, que participou da entrevista piloto também foi convidado, mas não pode comparecer. Matias participou primeiro da entrevista coletiva e depois da individual e Isis só participou da coletiva, pois não foi encontrada nos telefones que forneceu para agendarmos a etapa individual. A entrevista durou cerca de uma hora e meia.

#### DINÂMICA DE INTERAÇÃO DOS PARTICIPANTES

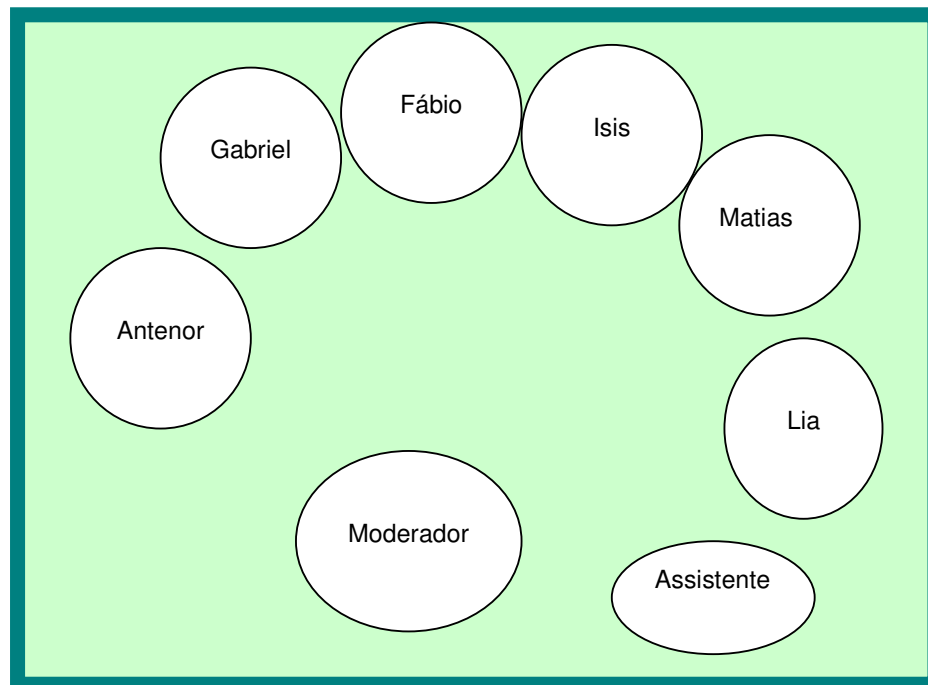
##### *Quadro 1*

- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>2. P – Com alguns já tive oportunidade de conversar e a idéia hoje é da gente conversar sobre algumas questões que me intrigam, algumas coisas que apareceram nas entrevistas e outras no que eu tenho lido, tá? [...] A idéia é a gente se apresentar para começar esta conversa. Vou começar.</li> <li>3. Eu faço doutorado em educação brasileira e o meu projeto de pesquisa é justamente esse, recuperar a EXPERIÊNCIA// as trajetórias, mas por dentro da experiência. Não só, ‘fez isso, fez aquilo’, mas também como foi o sentimento, como foram as sensações a forma como cada um foi se construindo nesta trajetória.</li> </ol> |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

4. AC – Antenor Ramalho, 23 anos, eu tô no 4º período de jornalismo aqui na universidade – estagio num programa da *webradio* aqui como locutor. Eu apresento um programa chamado *Rompendo barreiras*. Ele foi inspirado no nosso programa aqui da Educação. Como eu já tinha falado pra Patrícia, a minha história ela é bastante, vamos dizer assim, significativa. Muita batalha e cada dia a gente tem que matar um leão por dia para estar aqui. Pra conseguir alcançar este estágio, este estágio de vida. E ao longo da conversa eu vou falando um pouco mais sobre mim.
5. GC - Meu nome é Gabriel, tenho 21 anos, tô no 4º período de comunicação-jornalismo na Católica e assim como o Anselmo, tive que superar inúmeras dificuldades ao longo da minha trajetória de pequenininho até agora na faculdade. E também ao longo da conversa a gente vai se conhecendo.
6. FC - Eu sou Fábio tenho 24 anos, estudo psicologia, tô no 6º período e, vou repetir né? Acho que ao longo vamos falando aí dessas barreiras que fomos rompendo...
7. P – Fábio, pra quem não te conhece não é muito evidente por que faz parte do grupo.
8. FC – Ah! Sim, tenho visão subnormal que é uma visão bem diferente né? Fica todo mundo perguntando assim, ‘ah, é cego, ou é deficiente né? Você vê o mudo, agora é surdo né? Você vê o cadeirante, você vê o cego, mas quando você vê uma visão subnormal é diferente né?
9. I - Meu nome é Isis, tenho 21 anos, to estudando direito na Estadual, estou no 5º período. E por enquanto é isso [ri meio sem graça].
10. MC - Eu sou Matias de Souza, sou formado em letras, professor de português, dou aula de braille no Rompendo Barreiras. Atualmente tô fazendo uma pós graduação em educação especial, no futuro// E sem livros em braile, sem ter as matérias na hora adequada pra estudar não tem como, sempre vai ter dificuldade. Sempre vai tar em discussão.
11. LC - Bem, meu nome é Lia Maria, eu estudei aqui nesta universidade, fiz pedagogia , depois eu fiz uma especialização em educação especial, depois acabei fazendo o mestrado em Educação Brasileira. Sou a mais velha do grupo [ri], sou professora da rede estadual, dou aula numa escola especial e, é (...) atualmente passei num no concurso para Técnico em Recursos Pedagógicos e estou aguardando. É um processo meio complicado a minha entrada, mas acho que vai dar tudo certo. Espero...

O evento narrativo é aberto por mim, ocupando o papel de moderadora, com ênfase na idéia de que estaríamos ali para uma conversa. A transformação do gênero *entrevista para tese* no gênero *conversa*, pressupõe relações mais horizontais e um enquadre mais coloquial. A pauta foi dada pelo meu posicionamento como pesquisadora que já conhece a maioria dos presentes e tem coisas específicas a saber, o que me colocava na condição de condutora da interação. Esta posição é reforçada pelos atributos escolhidos para a auto-apresentação, onde ressaltai minha condição de doutoranda que está ali em função de um projeto da pesquisa, em detrimento de outras tantas coisas que podiam ser faladas. As apresentações seguiram a ordem em que as pessoas estavam

assentadas, de acordo com a representação abaixo: Patrícia - Antenor, Gabriel, Fábio, Isis, Matias e Lia.



Antenor, foi o primeiro a tomar a palavra [trecho 4]. Demonstrando proximidade com a moderadora ao chamá-la pelo nome ‘*como eu já tinha falado pra Patrícia*’. Ele se posiciona como lutador que tem conseguido conquistas: “*Minha história é muita batalha e cada dia a gente tem que matar um leão por dia para estar aqui. Pra conseguir alcançar este estágio, este estágio de vida.*”

Gabriel [trecho 5] ecoa e apóia a fala de Antenor se posicionando também como batalhador: ‘*assim como o Antenor, tive que superar inúmeras dificuldades ao longo da minha trajetória de pequenininho até agora na faculdade.*’ Esta introdução contrasta com sua posição predominante na entrevista individual que foi a de afirmar sua normalidade e relativa facilidade de se mover na vida, principalmente, no ambiente escolar.

Fábio confirma as falas de Gabriel e Antenor ‘*vou repetir né? Acho que ao longo vamos falando ai dessas barreiras que fomos rompendo.*’ Ele usa o nome do programa que é nosso ponto de ligação para obter pertencimento ao grupo dos rompedores de barreiras.

Isis só informa seu nome, seu curso e se posiciona mais como expectadora do que informante.

Matias fala da sua formação e se alinha aos outros, mencionando as dificuldades encontradas na sua trajetória: *sem livros em braille, sem ter as matérias na hora adequada pra estudar não tem como, sempre vai ter dificuldade* [excerto 10]. Este enquadramento também destoa da entrevista individual - que, no seu caso, foi concedida após a entrevista coletiva -, onde ele minimizou a falta de condições concretas de estudo através da exaltação da sua facilidade em absorver os conhecimentos.

Lia se distingue dos demais por ser *'a mais velha do grupo'*, por já ter feito mestrado e por já atuar profissionalmente. Alinhando-se ao posicionamento dos batalhadores, iniciado pelos outros entrevistados, ela menciona as dificuldades que estava enfrentando naquele momento na sua efetivação como funcionária pública, mas arremata com tom esperançoso: *'É um processo meio complicado a minha entrada, mas acho que vai dar tudo certo. Espero...'*

A interação que ocorreu na primeira rodada ajudou a definir a dinâmica do encontro. O lugar da moderadora de condução do debate foi ratificado e os papéis foram distribuídos entre o grupo. Antenor funcionou como narrador principal, sendo apoiado por Gabriel e Fábio na maior parte das vezes. Lia, representou a figura mais experiente, nivelada à moderadora como pós-graduada, o que permitiu que ela propusesse o aprofundamento do debate [ver linha 28 quadro 3 e quadro 10], analisasse a questão por diversos ângulos e se sentisse à vontade para discordar dos demais entrevistados. Isis se posicionou como audiência, só emitindo opinião, geralmente, quando requisitada pela moderadora. Matias se posicionou como alguém que complementa e reforça a fala dos colegas, seja através de denúncias, seja através da valorização das pessoas com deficiência na definição de questões que lhes dizem respeito. No entanto, ele marcou seu posicionamento de que há uma diferença de legitimidade nas pessoas com a experiência da deficiência para cuidar de assuntos que lhes dizem respeito, sugerindo uma divisão entre *'nós deficientes'* e *'eles os não deficientes'*.

Nesta entrevista mencionei o fato de ser mãe de uma criança com deficiência, uma vez que, a maioria deles já sabia desse meu vínculo com a questão da pesquisa. Não ficou claro o efeito dessa informação na fala dos

entrevistados. Para mim, teve o efeito de uma autorização íntima para estar ali fazendo a pesquisa.

*QUADRO 2*

92. P – A gente tá chegando no horário e eu queria só fazer uma rodada, com uma curiosidade que é a seguinte: porquê que vocês aceitaram participar desse projeto? Por que vocês toparam me conceder essa entrevista e também a primeira entrevista? E o que vocês gostariam que fosse feito com essa história, o que que vocês detestariam que fosse feito com ela?
93. AC – Bom é,(...) sempre que me convidam prá alguma coisa desse tipo, sempre que me convidam prá tar expondo o que eu sei fazer e gosto de fazer, prá mostrar pras outras pessoas do quê que o deficiente é capaz. Antes de terminar eu digo: ‘eu aceito, já topei’. E nesse caso não foi diferente. Porque eu creio que isso, além de estar me ajudando a crescer um pouco mais como pessoa, pode estar ajudando outras pessoas a se descobrir como um ser humano. A se descobrir como pessoas capazes de fazer coisas importantes prá si e pro mundo. E é uma das questões que eu me propus, é uma das missões que eu tenho nesse mundo. Eu peguei prá mim essa missão, de passar esse exemplo prá outras pessoas. Não só pro deficiente, mas prá outras pessoas não-deficientes que por algum motivo acabam desistindo do-da// de lutar, de buscar, a sua-a sua identidade.
94. P – Então a sua expectativa é que você sirva como um exemplo. Que esse trabalho possa amplificar esse exemplo?
95. AC – É verdade! E se eu mudo pelo menos uma pessoa, se eu mudar a mentalidade de uma pessoa eu já tô feliz da vida.
96. GC – O meu caso, acho que cai muito no que o Antenor falou de poder passar minha experiência e por isso mudar alguma pessoa e conseqüentemente a própria sociedade. Eu sei que é difícil mudar uma sociedade inteira, mas como ele falou: ‘se eu conseguir mudar uma pessoa eu já vou estar satisfeito’. Porque essa uma pessoa também vai poder mudar a mentalidade de outra pessoa e assim sucessivamente até mudar a própria sociedade.
97. AC – Efeito dominó só que às avessas, em vez de derrubar - levanta. [risos de todos]
98. FC – Acho que tá bem igual mesmo, todo mundo está pensando igual mesmo né? Cada um com-com palavras diferentes, mas parecido. Quando eu fui ser entrevistado por você eu questioneei né? Mas pra mim foi muito interessante. É isso aí mesmo, passar a experiência prá poder ter o efeito dominó mesmo. Prá fazer um mundo melhor.
99. I – Prá mim, essa conversa com vocês foi boa por duas questões. Uma por poder passar a história prá outros que vêm depois e também, foi importante prá mim porque eu vi outras pessoas com deficiência, que não seja só visual, falando e foi um aprendizado prá mim. Eu pude mostrar a minha vida um pouquinho e pude conhecer um pouquinho.
100. LC – Eu me identifiquei muito com o teu trabalho. Eu falei isso desde o primeiro momento. Poxa, eu queria fazer um trabalho desse! Não é por nada, é de coração. Porque eu achei muito legal mesmo entendeu? Porque eu vejo as dificuldades, eu fui da Católica, eu sei como é, prá juntar um trabalho, entrevistar e escrever, então eu, além de ter esse lado da deficiência, é um lado que esse é o tipo de trabalho apaixonante prá mim. E que eu espero, porque a grande paixão não é nem o trabalho mas é o que vai surgir a partir desse trabalho. Não adianta a gente é, é fazer um trabalho e engavetar. E viver de palestras.

A rodada final confirma as posições assumidas desde o início. Antenor, mais uma vez, dá o tom da resposta, colocando-se como alguém que está habituado a este tipo de situação e que tem uma reflexão acumulada sobre os motivos que o levam a aceitar uma exposição como esta. Sua posição é a de exemplo de força para outras pessoas com ou sem deficiência. Gabriel, confirma seu alinhamento com Antenor, citando uma das frases que ele acabara de dizer. A diferença mais clara nos dois discursos é que, enquanto Antenor utiliza um modelo messiânico de exemplo - o do missionário -, Gabriel descreve uma dinâmica social aonde cada caso de sucesso vai contaminando as pessoas e transformando as mentalidades progressivamente. Antenor intervém nomeando a descrição de Gabriel como ‘efeito dominó ao contrário’ – em vez de uma peça derrubar todas, uma peça pode levantar as outras: ao fazê-lo, ele reforça o colega. As risadas coletivas ajudam a confirmar Antenor como alguém espirituoso, como ele mesmo se posicionou.

Fábio, que pouco falou durante a entrevista, repete com outras palavras o que disseram Antenor e Gabriel. Isis, ressalta o aprendizado que a interação resultou, deixando entender que seu círculo de troca de experiências relativas à deficiência incluía apenas pessoas com deficiência visual. Matias não se manifesta [e faz um gesto com a cabeça passando sua vez à Lia]. Lia se dirige diretamente à moderadora e retoma a posição que já tinha aparecido na entrevista individual, de identificação com o projeto de pesquisa em questão, falando de maneira afetuosa - ‘*de coração*’ - da sua admiração pela idéia da pesquisa. Ao se posicionar como alguém que valoriza o processo de pesquisa por saber o que significam os procedimentos de entrevista etc. Assim ela se reafirma como pesquisadora, nivela-se à moderadora e, ao mesmo tempo, alinha-se ao grupo pelo fato de viver a experiência da deficiência. Lia arremata dizendo que, na sua percepção, o que torna uma pesquisa significativa é sua capacidade de gerar conseqüências na vida social e não apenas na academia. Dessa forma, ela utiliza a pergunta sobre os motivos de participação na pesquisa para colocar requisitos que devem ser cumpridos para que a pesquisa seja considerada legítima e sua participação válida. Neste movimento, ela empenha confiança, mas posiciona a autora do estudo como alguém que depende da repercussão prática do trabalho para ser validada, o que aponta para o exercício do poder em outra esfera.

A entrevista se encerra com os meus agradecimentos e com o pedido que cada um escolha um pseudônimo para ser usado neste relatório de pesquisa. Antenor puxa a reação dos outros dizendo: [105] - AC – *no meu caso se eu fosse mudar o nome eu ia perder completamente a identidade que eu criei nesses 23 anos.*

Apesar dos meus argumentos sobre ética na pesquisa e das transformações que suas falas poderiam sofrer no processo de análise, não houve acordo naquele momento. Desta forma, escolhi por conta própria os pseudônimos.

## 5.1 Negociação de sentidos - ser diferente é normal?

### Quadro 3

19. P - Eu queria perguntar pra vocês essa questão é (...), vocês consideram que existe uma-uma identidade de pessoa com deficiência no Brasil? Isso-isso, vocês se identificam, fazem parte de algum grupo ou tem alguma militância? Ou isso é de alguma forma uma bandeira na vida de vocês? A idéia de romper barreiras, de- de, de ter lugar social diferente do que o que vocês encontraram pra vocês?
20. AC – Essa questão ela é uma questão assim, é bastante complicada porque, as pessoas ditas normais, por quê que eu coloco assim esse normais entre aspas? Porque particularmente eu não vejo diferença nenhuma entre o deficiente e o não deficiente. A única diferença é-é, foi como eu falei quando eu apresentei o evento do dia 26 de agosto, eu falei que não são deficiências o que a gente tem, são pequenas diferenças que o, que acreditem ou não, o cara lá de cima olha e fala pra pessoa, ‘você vai nascer com ISSO’ e pra outra pessoa: ‘você não vai nascer com isso’. E, quanto à questão de se engajar em projetos (...) em projetos ou-ou organizações que tenham como mote esse, essa guerra da (...) em defesa do deficiente. Eu particularmente, não que eu seja-seja isso ou seja aquilo, mas particularmente eu acho que eu não precise me juntar a nenhum movimento assim, a não ser o Rompendo Barreiras que me despertou a participar, ser voluntário. Mas eu não vejo assim (...) uma necessidade de estar me unindo a outros deficientes. Por que? Porque eu (...), é, como é que eu vou dizer? O intuito dessas instituições, digamos assim, é pegar os deficientes que se sintam retraídos, que não queiram, por um motivo ou por outro, lutar pelo seu, pelo SEU. Devem ter a atenção [da sociedade] e puxar esse [serviço] todo pra si. Eu tenho pra mim que cada um tem que ter dentro de si uma vontade própria né? De buscar o SEU, buscar o próximo né? Lógico que, lógico que o ser humano ele tem por obrigação ser solidário para com seu próximo, mas como o mundo de hoje tá completamente é, ao contrário. Ao contrário disso, como o mundo ele tá, o ser humano tá cada vez mais se afastando um do outro. A questão é, se você não procurar o SEU, primeiro, primeiro de tudo, você acaba não conseguindo nem SE ajudar nem ajudar o próximo. É, é, um pouco assim que eu penso. Se alguém discordar...
21. P – E o que vocês acham dessa-dessa idéia, dessas idéias?
22. MC – Eu acho que a gente tem que ter primeiro, determinação, como ele falou. E quanto a ser aceito no grupo ou não, acho que isso é natural do ser humano. A gente precisa ser respeitado como um todo, na verdade nós não somos deficientes, nós temos é, eu sou cego. No mais, todos podem ser considerados



como deficientes. Agora, EFICIENTES é o que nós precisamos ser. Alguns são eficientes numa coisa, outros em outra, né? As habilidades. Então as pessoas têm que respeitar nossos direitos e a gente tem que respeitar também nossos deveres. E também o nosso desenvolvimento. É a capacidade, na verdade (?) A gente anda rua e sente o preconceito, principalmente o cego, ‘não precisa ninguém pra andar contigo não? Você faz isso sozinho?’ [imitação de outras vozes em tom irônico]. Às vezes até a gente se retrai, algumas até tudo bem. Mas hoje, o tempo tá corrido e a gente não tem nem tempo pra pensar no outro né? [...]

27. AC – Tem também aquela coisa, o Matias não enxerga com os olhos, mas ele enxerga com as mãos. E eu por exemplo, eu não ando com as pernas, mas eu ando de cadeira de rodas.
28. LC – Acho que tem dois lados essa questão, é complicado. Eu acho que esse negócio de bandeira da deficiência, por um lado, eu quero ter a minha vida privada, eu não quero ser um grupo. Eu sou a LIA, antes de ser deficiente, eu tenho uma identidade que eu não quero perder essa identidade.
29. AC – As pessoas têm que respeitar, o ser humano.
30. LC – As pessoas têm que me respeitar, como eu sou. Eu acho que isso de direito, de lei pra deficiente, eu acho que existe já bastante lei, a gente procura os direitos. Eu acho que o problema é, tratar o deficiente como um grupo. Cada indivíduo, tem sua especificidade. E se a gente for defender uma bandeira como antigamente [o disco tem falhas de áudio neste trecho – Lia discorre sobre a necessidade que já houve de organização]. Hoje acho que isso tá abrindo mais, quer dizer, o deficiente não é esse grupo, ele é um ser humano dentro de uma sociedade. Que deve estar preocupada para que incluam não só o deficiente, mas todos. Eu acho que é assim como ele falou, a gente tem que ser uma pessoa assim, dentro do mundo.

Afirmar ou diluir a diferença deficiente era uma questão que interessava colocar em discussão levando em conta que as pessoas com deficiência podem ser consideradas uma coletividade submetida, simultaneamente, a lógicas opostas na busca de justiça: as políticas de redistribuição enfatizam os males da desigualdade e sugerem a diluição das diferenças econômicas entre grupos, enquanto as políticas de reconhecimento reivindicam o direito à afirmação das diferenças culturais sem que isso signifique desigualdade de oportunidades (Fraser, 2001).

A questão da identidade/alteridade deficiente, além de ser central neste projeto de pesquisa, tinha aparecido de maneiras muito diferentes nas entrevistas individuais. Por isso, respaldada nas discussões sobre a tensão igualdade x diferença que permeia tanto a análise dos novos movimentos sociais quanto dos discursos educacionais atuais, introduzi como primeiro tópico da agenda a questão: *Vocês consideram que existe uma identidade de pessoa com deficiência no Brasil?*

Antenor foi o primeiro a tomar a palavra e sua resposta [trecho 20] ecoa discursos constituídos por diferentes regimes de verdade. A princípio, ele se posiciona como sujeito de um discurso crítico, que propõe uma ‘inversão

epistemológica' (Skliar 2001), ou seja, questiona o estatuto da normalidade através de expressões como: 'os ditos normais' e 'normais, entre aspas'. No complemento, ele se posiciona a favor de uma sociedade cega para esse tipo de diferença e arremata o argumento passando pelo discurso religioso, onde a deficiência é apresentada como uma decisão tomada em outra esfera, a esfera divina, que implica apenas em 'pequenas diferenças'. O movimento desses posicionamentos pende mais para o registro de que lutar para modificar o status social das pessoas com lesão na base da afirmação da diferença seria indesejável, tanto por fortalecer a fronteira imaginária normal/anormal, quanto por se rebelar contra um desígnio divino. Sua defesa da luta individual o posiciona como sujeito do discurso da auto-superação e mesmo da competição, pois cada um tem que lutar pelo que é 'SEU' de maneira individual, valendo-se da força de vontade.

Matias, posiciona-se como sujeito do discurso da Eficiência, ou seja, que a melhor forma de se desprejar de estereótipos incapacitantes é provar, através da atuação competente, que as pessoas com deficiência são eficientes, hábeis e dignas de respeito. Ele faz distinção entre ser cego e ser deficiente, de forma análoga à separação, proposta pelo modelo social, entre lesão e deficiência, onde esta última é contestada por ser fruto de uma imposição socialmente desvantajosa para as pessoas com lesão. Completando sua idéia, Matias generaliza a deficiência como uma condição de todos, colocando a incompletude, e não a normalidade, como nosso denominador comum (Laclau 1996, Davis 2002). Assim, ele chega ao horizonte de igualdade por outro caminho.

Lia, assinala que essa não é uma questão simples e marca a posição de que uma luta específica de um grupo com o recorte da deficiência não parece ser vantajosa, por exigir um movimento de apagamento das singularidades e por perder de vista a idéia de inclusão de todos e não apenas de alguns poucos. Na sua fala, a posição das pessoas com deficiência como um grupo diferenciado é uma etapa ultrapassada no movimento social. Uma vez que os recursos legais já estão disponíveis, não haveria mais necessidade de diferenciação e sim de indiferenciação no todo. Ao dizê-lo, Lia atualiza a idéia de que diferença e segregação são sempre correlacionados e se alinha à formação discursiva da inclusão (Marques, 2001). É interessante notar que sua posição, aqui, entra em choque com o que foi dito na entrevista individual [linha 175 quadro 9 pg.135]. Quando perguntada sobre a principal batalha na vida das pessoas com deficiência,

ela responde: ‘*Eu acho que o pior problema que (...) em relação à vida eu acho que é você conseguir viver com a diferença. Acho que a gente ainda não consegue viver com a diferença, sabe?*’

A dificuldade em viver com a diferença, na nossa sociedade, aparece na negociação de sentidos entre os participantes da pesquisa – incluindo a própria Lia – que aderem e reforçam o discurso da não-diferenciação. Os movimentos civis e discursos que afirmam a deficiência como uma diferença, marcando assim seu lugar político, são aqui posicionados como segregadores e circunscritos a um gueto que não consegue se fazer ouvir além de um público interno restrito. Ao contrário do que acontece com alguns grupos ativistas, apoiados pelos *Disability Studies*, a defesa de uma identidade deficiente não é percebida como mobilizadora ou capaz de articular (ou criar equivalência) outras subjetividades políticas que almejem transformações na sociedade em geral.

Para proteger as conquistas de se verem e serem vistos fora do quadro das representações pejorativas atribuídas pela deficiência, os sujeitos da pesquisa contrapõem o individual ao grupal. Essa posição atualiza e respalda o discurso da auto-superação, que responsabiliza o indivíduo pelo lugar que ocupa no espaço social.

No cenário nacional, a posição coletiva de afirmação da diferença parece estar bastante circunscrita aos Surdos<sup>2</sup>, mas, neste caso, há divergências sobre a associação entre surdez e deficiência, já que muitos dos membros da ‘cultura surda’ de definem como uma minoria lingüística não pertencente à comunidade deficiente.

Na entrevista coletiva, Matias foi o único que defendeu a assunção da diferença como forma de ‘reserva de mercado’ das pessoas com deficiência para trabalharem junto a seus pares. No *quadro 4*, duas de suas participações sinalizam isso. Na primeira, ele valoriza a experiência da deficiência como um aspecto que posiciona cegos como os melhores professores de braille, surdos como professores de libras<sup>3</sup> e assim por diante. No trecho 42-43 ele critica a postura da universidade em dificultar a contratação de Lia, pois essa seria uma oportunidade

<sup>2</sup> A Surdez grafada com S maiúsculo é um recurso lingüístico de reocupar esse vocábulo com associações positivas como a beleza da língua de sinais, a construção de vínculos entre surdos de várias gerações e até o projeto de uma nação surda.

<sup>3</sup> Libras – língua brasileira de sinais.

de colocar a experiência da deficiência a favor das pessoas com diferentes tipos de lesão que circulam por aquele espaço público.

*Quadro 4*

35. MC – Eu acho que a gente mesmo pode estar com a nossa experiência estar até capacitando profissionais, nas escolas. Por exemplo, quem ensina libras? É o surdo, no caso, quem vai ensinar o braille? O cego. A gente pode dar uma contribuição pelas nossas experiências trabalhando nas escolas, porque nós sabemos como é. E até mesmo para abrir mais oportunidade de trabalho nas escolas (?)
- 
42. MC – E a universidade pública tá perdendo a oportunidade de contratar uma pessoa com deficiência. Quem vai tratar com essas questões são as pessoas ditas normais, elas não passam//
43. Como é que ela vai tratar de uma questão na universidade relativa a uma pessoa com deficiência? Alguém, no caso cegueira ou baixa visão, como é que ela vai atender?

Embora o posicionamento predominante na entrevista coletiva seja que a auto-afirmação da deficiência é sempre uma aproximação do lugar de vítima e de incapacidade, alguns dos entrevistados se valeram das conquistas legais e institucionais que foram alcançadas, na lógica da ação afirmativa, tais como as reservas de vaga de emprego/estágio e na universidade. Essas políticas pregam a discriminação positiva, alegando que é preciso reconhecer a desigualdade que historicamente desfavoreceu determinados grupos, tratando-os, no presente, de forma diferenciada para podermos alcançar, no futuro, um horizonte mais igualitário. Vejamos os posicionamentos acionados nas entrevistas individuais em relação às políticas de cotas, por exemplo.

*Quadro 5*

- 261.P – E a sua posição em relação às cotas, cota pra universidade ou cota pra emprego.
- 262.L – Eu não sei, não sei, é uma dis// é uma coisa//
- 263.Eu ainda acho que TEM QUE TER. Eu ainda acho, porque...
- 264.P – Nesse concurso por exemplo?
- 265.L – Eu usei as cotas, eu usei. Tudo bem, eu acho que eu poderia passar sem cotas, mas eu acho que numa sociedade como a nossa que ainda falta muito emprego... A pessoa deficiente ainda é discriminada, eu vejo a cota como uma forma de defender alguma coisa.
- 266.Que nem, (?) acham que a vida é uma grande guerra, uma grande batalha e que você tem que saber enfrentar ela.
- 267.P – Mais é uma batalha de todos? De qualquer pessoa ou é uma batalha para// a vida de uma pessoa com deficiência é uma guerra?
- 268.L – Não, como eu te falei no início, eu acho// porque não é só do deficiente não, eu acho que tem muitas pessoas, socialmente excluídas, que não tiveram sorte e que é uma BATALHA TAMBÉM! E é uma BATALHA TAMBÉM. Então a gente tem que aprender a lidar, da melhor maneira possível e, claro que eu acho que cotas, não é justo e tal, talvez...

- 269.P – Não é justo com quem? [toca o celular de P – impaciente pede desculpas e desliga o aparelho]
- 270.L – Uma sociedade é, onde as pessoas tenham, melhores oportunidades (...) sem discriminação, sem, não sei. Com mais abertura com a diversidade, até entender que uma pessoa pode contribuir DA SUA FORMA. Entendeu? Não sei, talvez um incentivo maior do governo, não sei. Como é que a gente poderia fazer isso.
- 271.Mas a cota é mais ou menos prá isso entendeu? Se você pensar que uma pessoa poderia ficar em casa, ficando improdutiva, sabe? Não tendo oportunidade, sabe? Eu não sei, o que quê você acha? Não sei. Eu acho que ainda tem muito deficiente que não trabalha, principalmente deficiente mental, não encontra ramo de trabalho nenhum.
- 272.Tem uma iniciativa do Mac Donalds, que acontece há anos. Tem agora supermercado contratando deficiente mental, mais ainda é uma coisa ...
- 273.P – Muito pequena né?
- 274.L – Muito pequena. E eu acho que essa batalha que tem que enfrentar.

Lia, tem dificuldade em firmar uma posição sobre as cotas. Repete, várias vezes, que não sabe claramente o que dizer e ao mesmo tempo afirma, categórica, que *'tem que ter'*. Embora tenha se beneficiado do sistema no concurso público que prestou recentemente, minimiza sua importância, ponderando que poderia ter passado sem elas. Talvez ela nem tivesse mencionado o fato de ter usado as cotas se não tivesse sido interrogada. Na *linha 268*, ela deixa escapar que o sistema de cotas pode não ser justo. Embora não mencione claramente o discurso que questiona e se opõe a este sistema, tem como base a defesa do modelo meritocrático. Quando vai justificar sua adesão às cotas Lia faz questão de frisar que ela provavelmente não precisaria desse recurso, mas que outras pessoas, principalmente as com deficiência mental, não teriam chances num esquema meritocrático que privilegia a intelectualidade. Assim, se posiciona em defesa das ações afirmativas para os outros, os que não têm condições de disputar na base do mérito, distanciando-se desse tipo de necessidade.

#### Quadro 6

358. P – Foi na Universidade Estadual, né? Você se inscreveu pelas cotas ou...
359. J – Não tinha cota.
360. P – Você já está terminando, porque agora tem, não tem?
361. J – Tem. Mas, eu nunca fui a favor de cota.
362. P – Nunca foi. Nem pra emprego, nem pra nada?
363. J – Não.
364. P – Porque?
365. J – Por que eu sempre fui um cara que sempre é (...) lutou por uma igualdade de condições. Mas não essa igualdade de condições é “calma meu filho, vai que você vai passar...” Não é isso.
366. P – Você dá valor para o esforço, o mérito.
367. J – O mérito. Pelo menos no meu caso. Falar isso pros outros é complicado, mas eu sei que hoje eu falo de mim, mas pros outros /.../ eu falo pra mim. (fim da fita)

Josué, se posiciona de maneira análoga à de Lia quando aventa a necessidade de cota para os outros, mas não para alguém como ele, que tem toda uma trajetória bem sucedida, sem nunca ter precisado reivindicar condições especiais. Como sujeito de um discurso igualitário, cujo mérito de uma pessoa se ancora na possibilidade de ser vista como ‘qualquer outro ser humano’, não é possível apoiar um sistema [das cotas], que parte da premissa da desigualdade. As cotas são retratadas como uma política de condescendência, cujo preço pode ser a fixação de quem se vale desse privilégio numa posição de sujeito tutelado.

*Quadro 7*

194. G – mais fiz vestibular na Federal e só não passei na Federal porque, quando eu passei na Católica eu parei de ir na aula. (...) Eu não lembro porque que eu parei, mas eu parei de ir na aula e mesmo tendo parado de ir na aula eu fiz muito ponto na Federal. Eu acho que eu só não passei por zero dois (O,2).
195. P – hum hum
196. G – Mais eu acho que foi
197. P – Mas você teria, por exemplo, agora tem cota na Estadual. Você se inscreveria pela cota ou você faz questão de fazer o vestibular normal.
198. G – Eu acho que eu não me inscreveria pela cota porque eu tive isso normal, ia ser desleal, ia ser muito fácil.

Gabriel, segue um raciocínio semelhante ao de Josué. Como seu discurso está fortemente marcado pela recusa de se identificar como deficiente e pela afirmação da sua capacidade intelectual, ele sugere que seria deslealdade obter um privilégio, alegando uma suposta desvantagem. Sua perspectiva é individual e não considera, como fizeram Josué e Lia, casos de pessoas com deficiência que poderiam necessitar deste tipo de expediente para participar de espaços sociais mais seletivos.

*Quadro 8*

330. P – E aí como você saiu de lá e a passagem para a Universidade, como foi?
331. A – É, eu saí de lá, eu fiquei dois anos fazendo matérias técnicas porque no 3º ano de formação geral eu me meti a me candidatar a eleição do grêmio estudantil, venci, fiquei um ano, tive que abandonar as matérias técnicas, foi um erro meu. Eu dei mais atenção ao grêmio do que à formação geral, aí fiquei dois anos fazendo matérias técnicas e no final de 2003 eu fiz prova para cá, para a Universidade, que havia feito em 2002 para a Federal do Rio e para a Federal de Niterói, não passei em nenhuma das duas. Nenhuma das duas tinha sistemas de cota. Aí no ano seguinte, no finalzinho de 2003 eu fiz prova para as três públicas [cita as siglas]. Nas outras duas eu não passei, passei para cá.
332. P – E aqui tinha sistema de cotas?
333. A – Eu entrei pelo sistema de cotas para deficientes físicos, deficientes e indígenas. [...]
342. P – Agora, pela quantidade de pontos que você fez, se não tivesse sistema de cotas, você teria passado, tem essa noção?

343. A – Eu acho que não, e por muito pouco.
- 
226. P – E você, falou que desde criança você ficava preocupado com o seu sustento.
227. F – Não na pré- adolescência. Aí eu comecei a me tocar. Não, eu tenho que ter uma profissão. Fiz o telemarketing. Fui fazer estagio em uma instituição, fiquei dois anos lá dentro, era remunerado. Tinha essas questões das pessoas ficarem me olhando.
228. P – Por cota?
229. F – Não. Um projeto do governo há dois anos atrás
230. P – Você lembra o nome?
231. F – Lembro. Todos pela Paz. Então, neste caso eles fizeram um trabalho grande, NÃO estruturado, com deficientes. No qual eles abrangeram todos os deficientes: mudos, cegos... todos os tipos de deficiência, até física. Mas só que jogaram dentro das instituições públicas. Sendo que muitos cegos não tinham preparo (...) profissional. Então eu sempre reparei que aquele cego estava lá dentro, preenchendo alguma vaga que, vamos supor: a prefeitura tem uma quantidade de vagas pra deficientes lá, pra fazer aquele estágio lá dentro, e o governo tinha liberado uma verba, pra poderem pagar a gente. E pra não ficarmos sem ninguém, tínhamos lá, uma-uma pessoa fazendo edital que ficava quatro horas sentada numa mesa ou então num banquinho de espera, esperando o tempo passar. Ou então o tempo ficava pela metade e então mandavam ele embora porque ele não conseguia produzir, não tinha preparo, não se encaixava dentro daquele departamento. E eu falo isso porque eu trabalhei num prédio de 12 andares e eu via como muitos foram tratados. Com carinho, mas com muito cuidado, porque não tinham preparação, e quem estava lá dentro não tinha preparo em deficiente e quem era deficiente não tinha preparo em estar se incluindo. Então nesse caso, nessa brincadeira, eu via que eu fazia muita coisa. Eu tinha que ver processos, atender telefone, passar fax, porque eu já tinha um trabalho de telemarketing. Já sabia lidar com telefone. Sabia ler, e isso me beneficiava. Então, aqueles que não tinham muitas habilidades ficavam parados. Enquanto eu queria alguma coisa, tinha um propósito, como tenho até hoje. Eu era um pouco explorado, porque ninguém me mandava embora uma hora antes de acabar o expediente. Enquanto aquele que não produzia nada ‘você pode ir embora.’

O *quadro 8* apresenta extratos de duas entrevistas individuais que revelam vantagens em se posicionar publicamente como deficiente, embora isso não seja admitido pelos narradores.

Antenor [trecho 330/343], utilizou a reserva de vagas para entrar na universidade e admite que sem elas, provavelmente, não teria conseguido tal acesso. Mesmo assim, todo seu discurso é de valorização do esforço individual, o que faz com que, em outro trecho, ele afirme que se não houvesse cota ele daria um jeito, como sempre deu. Esse jeito ‘mágico’ parece ancorado no discurso religioso mencionado *en passant* [linha 20 do quadro 3] na entrevista coletiva. Ali ele credita ao ‘*Cara lá em cima*’ (Deus) a origem das diferenças físicas por ser quem determina ‘*quem vai ou quem não vai nascer com ISSO*’ (deficiência). Essa

atribuição das diferenças à vontade divina também se expressa na sua posição de alguém que tem uma missão a cumprir na vida. Esta visão é fonte de força para que ele possa correr atrás dos seus sonhos e projetos. Nesse contexto, mais importante é seguir firme e se colocar como um exemplo de luta, do que aliar-se a um movimento baseado em direitos historicamente negligenciados.

Fábio [linhas 226-231], relata a experiência de estagiar em um programa de protagonismo juvenil financiado pelo Governo do Estado, que destinava parte das vagas a jovens com deficiência. Quando perguntado se o estágio tinha sido conseguido através da política de cotas, ele nega, ou melhor, ele não faz associação entre uma coisa e outra. No decorrer do seu depoimento, ele reflete a importância da postura e do preparo individual para que o portador de deficiência (*sic*) possa realmente ser incluído, pois pelo que ele percebeu, conseguir o estágio podia significar ficar jogado em um canto, como parte do mobiliário da casa. A crítica a este estado de coisas recai, em maior medida, sobre os próprios deficientes que não se prepararam para se incluir, mas também, em *‘quem estava lá dentro não tinha preparo em deficiente.’* O fato de se destacar como bom trabalhador, o distancia do lugar de deficiente e o normaliza.

Como podemos ver nos extratos das entrevistas individuais, os sujeitos da pesquisa circulam por discursos de indiferenciação e de igualdade irrestrita, ao mesmo tempo em que utilizam as conquistas conseguidas na lógica da ação afirmativa, isto é, da necessidade de tratar de forma diferenciada os grupos desiguais. Há quem tente conciliar os dois movimentos como se fossem etapas sucessivas: na primeira etapa, se daria a formulação das leis de proteção de direitos específicos e, na segunda, seria o momento de apagar as diferenças. O problema é que estes movimentos se dão em lógicas opostas e não na mesma direção. As leis específicas afirmam particularidades e a inclusão geral pressupõe indiferenciação. Assim, a conciliação pressupõe uma tensão e não necessariamente uma harmonia.

## **5.2** **É preciso saber viver**

Achei que um ponto importante a ser aprofundado na entrevista coletiva era a dicotomia - indivíduo *versus* grupo - que apareceu em alguns posicionamentos. Esse foi, então, o segundo grande tópico a ser explorado. Mas,



no bojo desta questão apareceram as estratégias de auto construção e de cuidado de si (Foucault, 1985), que se torna mais agudo nas horas de dúvida, de fraqueza ou em face a um comportamento preconceituoso.

*QUADRO 9*

46. P [...] A quem interessa, pela experiência de vocês// eu não tô falando idealmente, na vida de vocês, concretamente, que tipo de aliança vocês têm encontrado, que tipo de apoio, pra poder seguir em frente e fazer parte da sociedade? A quem interessa essa discussão?
47. AC – Bom, a questão da aliança o essencial, é óbvio evidente, não só pras pessoas com deficiência mas pra todas as pessoas em geral é a família. Se você tiver uma base familiar forte, se tiver pessoas na família ajudem, não só fisicamente falando, como é meu caso. Minha mãe anda comigo pra cima e pra baixo. De uns tempos pra cá que eu tô aprendendo a me ‘virar sozinho’. Mas se tiver apoio dos familiares, no sentido psicológico de fazer a pessoa não desistir do objetivo dela, isso é a coisa mais importante que o deficiente tem na vida. Eu carrego comigo o seguinte lema: ‘é mais fácil eu me adaptar ao mundo do que o mundo se adaptar a mim’. Por quê? Porque se eu for ficar esperando as autoridades, as pessoas em geral, se preocuparem com a minha questão e começarem a se mexer, eu vou perder muito tempo. E assim eu perco no meu desenvolvimento como pessoa, como ser humano. [...]
50. P – Então o esforço individual é que é a saída, vocês acham?
51. AC – É, não é a saída em si.
52. P – Mas na história de vocês foi o grande caminho?
53. GC – É com certeza, eu acho que se alguém ficar parado, até uma pessoa dita normal, ficar esperando que as coisas aconteçam a vida passa e ela não conseguiu nada. No nosso caso, acho que isso é até, como é que eu vou dizer um pouquinho mais sério porque, realmente se eu for esperar que o mundo mude, as coisas demoram muito. Então eu acho que além de esperar o mundo mudar, a gente tem que nos adaptar também. Eu por exemplo, pratico escalada, eu faço várias coisas que muitas pessoas acham que um deficiente não tem condições de fazer. Tem sempre essa idéia de lutar duro para conseguir sempre.
54. P – Isso não exaure? Não é muito cansativo não?
55. LC – Eu acho que tem horas que// teve horas que pra mim e acho que na vida de qualquer um, de qualquer ser humano - ou por motivos pessoais ou por motivos de relacionamento ou institucionais - que você vira e: ‘meu Deus, será que eu tô lutando por alguma coisa que vai acontecer, que eu vou conseguir?’ Sabe?
56. Quando eu tava lá na escola, lá atrás, que chegou um professor um dia que falou que não era obrigação dele escrever a prova pra mim. Eu ditava a prova e ele escrevia, né? E que eu deveria estar numa escola especial. Esse foi um dia pra mim muito ruim, entendeu? Não é só: ‘olha, eu preciso existir’. Falei: ‘Pôxa, pra que que eu tô lutando? Quem eu represento?’ Entendeu? O que que eu sou, quem eu sou? Então eu acho que a nossa identidade, pelo menos pela minha experiência de vida, passa por altos e baixos. Tem dia que você se sente super bem: ‘Cara eu consegui, eu sou forte, eu sou o super-homem.’ Mulher maravilha, melhor dizendo. Tem dia que você tem tanta dificuldade, que você pensa: ‘será que eu não tô querendo demais para mim?’. Por que não é só o emprego, não é só o dinheiro é o que te dá valor é a ligação pessoal. É ele saber que ele tá fazendo um monte de coisa que ele gosta, que ele tá amarradão em fazer, entendeu? E isso deve se expressar no campo afetivo// E tem horas que você diz ‘Meu Deus [põe a mão na testa], mas será que é isso? Será que eu tô brigando por uma causa justa?’
57. P – Vocês concordam, este é um sentimento comum?

58. AC – Realmente, sempre tem aquele sentimento: ‘ah eu sou o máximo, eu vou conseguir tudo, eu sou o cara, ninguém me segura’. [Todos riem]. Mas também, no dia seguinte acontece uma coisinha que te faz pensar o contrário. Hoje, hoje de manhã, eu tava vindo pra cá e tive que vir sozinho, como eu falei. Minha mãe já estava meio atrasada e me deixou no ônibus. E se não fosse o pessoal de dentro do ônibus gritar, ele ia arrancar e ia me carregar lá pra Abolição. Detalhe, a cadeira de rodas tava do lado de fora do ônibus. Ele não esperou, e olha que ônibus tinha retrovisor de todo lado. Dá pro motorista ver. O pessoal teve que gritar e ele já tava arrancando. Isso às vezes deixa bastante chateado e me pergunto assim: ‘será que realmente vale a pena eu continuar sofrendo por isso? Será que lá na frente vou ter uma recompensa que me faça esquecer tudo o que tem acontecido comigo?’ Mas junto com isso, você olha no espelho e diz assim: ‘Você tá maluco? Você tá doido? Você quer desistir por causa de que? Me diz!’
59. Eu particularmente quando começo a ter esses sentimentos de coitadinho, eu paro na frente do espelho e começo a brigar comigo mesmo, é assim que as pessoas devem reagir, tem que tomar uma sacudida para acordar. Ou você fica prá baixo ou te dá mais força ainda prá você continuar, jogar na cara desse pessoal que você pode, que ninguém vai te segurar.
60. P – Todo mundo aqui compartilha dessa sensação?
61. LC – Eu acho que você realmente cria uma expectativa, as vezes, que não é uma expectativa real. Porque a vida vai fazendo umas (???) que as vezes, o que a gente NÃO espera, é o que acontece. [Ri] Não adianta ficar ‘eu quero isso, quero aquilo’. Hoje em dia é uma questão de oportunidade, eu acho que se abrir a oportunidade e você conseguir é o que me segura. Tem que saber também até aonde eu posso ir. Até onde vai a minha// hoje, entendeu? Não tô falando amanhã. Até aonde eu posso ir? Eu sempre trabalhei em mim essa coisa de que// claro que na minha cabeça eu viajo. Mas eu tenho que ter os pés no chão. Até aonde eu posso ir? Claro que eu tenho N sonhos de ser independente, de morar sozinha, de ter uma vida diferente da que eu tenho hoje, mas eu tenho que viver o que eu tenho hoje. Eu não posso ficar infeliz porque eu não consegui aquilo. Mas você tem que valorizar as pequenas coisas. Porque a vida em si tem muitas dificuldades. Como ele falou, tem pessoas que quando me vêm na rua: ‘coitadinha, você devia estar acompanhada’. ‘Porque você está sozinha?’ E não me enxerga como outra que tá ali pegando o ônibus, que tá indo pro trabalho, que quer se divertir... Que a gente também tem direito de tomar um chope, de// entendeu? Isso é importante! No imaginário das pessoas eu acho que os professores, que o ser humano, ele viaja, acha que a gente é bonequinho, sem sentimento, sem noção, sem razão, então ele acha: ‘mas você precisa de alguém’.

Na seqüência da conversa sobre a luta pela inclusão social, Lia aciona o discurso do modelo social para dizer que o que precisa ser modificado é a estrutura da sociedade e não as condições específicas das pessoas com deficiência. Completa dizendo que as pessoas com deficiência são potencialmente agentes transformadores e na medida em que ocupam os espaços sociais vão transformando as estruturas.

Tomando-os como agentes privilegiados para perceber indícios dessa transformação estrutural, perguntei sobre as alianças e sobre os outros atores

sociais que se sentem tocados pelas questões da inclusão de todos, em geral, e das pessoas com deficiência, em particular.

Antenor, responde sem titubear que a família é a grande aliada, generalizando e tomando como óbvia esta situação. Esse apoio vai além dos aspectos físico-financeiros, pois inclui a sustentação do desejo para que os obstáculos não nos façam desanimar. Assim, ele reforça a visão de que a força de vontade é a mola propulsora da auto-superação. Para resumir essa posição ele explicita seu lema: *‘é mais fácil eu me adaptar ao mundo do que o mundo se adaptar a mim’* [trecho 47]. Esse posicionamento reverbera e naturaliza os discursos médicos que colocam a reabilitação individual como pré-requisito para inclusão.

Como moderadora, quis ouvir como os outros participantes reagiam a esta posição. Diante da pergunta - se o caminho individual seria a saída [51] -, Antenor capitula, dizendo que não era uma questão de saída. Gabriel intervém validando a posição de Antenor de que não dá para apostar e muito menos esperar uma mudança mais ampla da sociedade. Vale ressaltar que [na linha 53] Gabriel usa a expressão ‘pessoas ditas normais’ que não fez parte do seu vocabulário até aquele momento, indicando que na interação com os demais ele foi se apropriando de artefatos lingüísticos que circularam pelo grupo. Na defesa da ação individual, tanto Gabriel quanto Antenor, usaram o argumento da lentidão dos processos sociais em contraste com a necessidade que eles têm de não perder tempo<sup>4</sup>. Se isso é válido para todos, como fazem questão de frisar, *‘no nosso caso [...] é um pouquinho mais sério’*, completa Gabriel. Esse uso do pronome possessivo *nosso caso* o posiciona como pertencente ao mesmo grupo dos demais – o grupo das pessoas com deficiência, diferente do que havia acontecido na entrevista individual, onde Gabriel não se incluiu neste grupo.

A repetição da imagem de lutadores incansáveis me faz provocá-los perguntando se viver assim não é extenuante.

---

<sup>4</sup> A vivência qualitativa do tempo, no caso das pessoas com deficiência, daria uma questão interessante para ser aprofundada, uma vez que a necessidade de estimulação precoce, a dificuldade de ter um ritmo diferenciado para fazer as coisas, a vontade de acompanhar seu grupo etário na escola e a baixa expectativa de vida em alguns quadros, configuram pressões importantes nessa percepção de ‘não poder perder tempo’.

Lia se dispõe a responder, trocando a figura do lutador pela de um ser humano qualquer que tem seus momentos de fragilidade e de força, enfim, vive altos e baixos.

A situação de deficiência pode fazer com que atos aparentemente simples como se locomover, pegar objetos, achar um endereço ou marcar as questões numa prova, exijam esforços consideráveis. Admitir esse esforço sem cair no lugar da vítima ressentida é uma das tensões que permeiam as narrativas de pessoas com deficiência (Linton, 1998). Há momentos em que esse esforço pareça vão, como diz Lia [*trecho 55*], posicionando-se como alguém tomada por questionamentos sobre o sentido de toda sua luta. Os exemplos elencados de momentos de desânimo são de ações que a invalidam socialmente – como o professor que queria ‘devolvê-la’ para a escola especial [56] ou aqueles que a olham como coitadinha e dependente [61]. Na narrativa de Lia, a fonte da alta ou baixa estima emerge da nossa condição de interdependência, do fato de sermos seres feitos nas relações – institucionais ou afetivas. A questão da alteridade, de se deixar alterar pelo outro, aparece aqui como crucial: ‘*o que te dá valor é a ligação pessoal*’ [56].

A estratégia sugerida por Antenor para reagir aos olhares e sentimentos de baixa estima é transformar a desconfiança alheia em desafio e motivação para entrar numa aposta que tem como trunfo poder ‘jogar na cara desse pessoal’ a própria capacidade de auto-superação.

O contraste entre as posições de Antenor e Lia se dá pela questão: a auto-estima vem de onde? Para ele, é uma questão de foro íntimo, de chacoalhar a si mesmo diante do espelho. Para ela, é uma questão de relação e afeto. Essas duas posições têm conseqüências diferentes. Alguns analistas (Kassar, 1998 e Marques, 2003) fazem uma aproximação da cultura da superação individual com o discurso liberal (ou neoliberal) do *self made man*, ou seja, do indivíduo que ascende socialmente à custa do seu esforço e ascese. A idéia da superação, vista pelo ângulo do modelo social de deficiência, é uma tarefa complicada, na medida em que a pessoa excluída, ao tentar superar, sozinha, os entraves sociais que recaem sobre ela, acaba naturalizando a seleção e exclusão dos menos capazes, ou melhor, dos que não têm tanta força de vontade. Para escapar desta armadilha, o ativismo que abre a posição de uma identidade deficiente, confronta a responsabilização do indivíduo e de sua família ao compartilhar histórias de discriminação e

invalidação. Essas narrativas permitem que os sentimentos de frustração e impotência sejam compreendidos como uma experiência social e coletiva e não como eventos isolados e pessoais. Quando demonstramos que cada caso não é um caso à parte (Fonseca, 1999), expomos a regra.

O efeito do discurso relacional, atualizado por Lia, é de atenção às interações e à intersubjetividade, uma vez que elas compõem o que somos. Nesse regime de verdade, a responsabilidade individual é uma operação de seleção e filtragem - através de recursos de crítica - daquilo que vamos fazer com o que fazem conosco.

A posição de Lia, de *mais velha do grupo*, lhe confere uma maturidade e ponderação que trazem elementos mais complexos às análises simplificadas que são feitas pelos outros interagentes. No *excerto 61*, ela contrapõe o voluntarismo da terapia do espelho dizendo que o controle que temos sobre os fatos é uma ilusão que pouco corresponde ao real. Quando diz '*muitas vezes, o que a gente NÃO espera é o que acontece*' ela não está se posicionando no registro da queixa, mas de quem abre espaço para o inusitado e para a necessidade de atenção às relações e às oportunidades. De maneira análoga à de Ruth, Lia sugere que é melhor estudar os obstáculos e respeitar os próprios limites do que desafiar *a priori* qualquer limite. Lidar com as próprias expectativas, de forma a celebrar as pequenas coisas da vida, é o trabalho sugerido. [na individual tinha o dilema, querer demais ou contentar com muito pouco]. Essa forma de encarar a vida tem semelhanças com outras mulheres com deficiência (Miner, 1997; Gil 2001), o que pode indicar um cruzamento identitário com a questão do gênero, já que a necessidade de controle é uma exigência cultural que recai mais sobre o gênero masculino.

### 5.3

#### O outro ignorante – um novo sujeito a corrigir

##### *Quadro 10*

- |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>79. AC – Esse lance das perguntas bobas, pra mim depende da interpretação. É que as pessoas precisam entender o que te acontece para te ajudar.</p> <p>80. IC – Às vezes a pessoa nunca teve oportunidade de conversar com alguém e quando te viu na rua faz questão de conversar.</p> <p>81. MC – É até interessante a gente aproveitar a oportunidade. Em vez de quando alguém chegar você dá um fora. Não, você tenta mostrar educadamente como é que é feito, como é que se faz, é uma oportunidade de conhecer.</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

82. AC – Uma saída que eu criei prá isso, porque eu não fico chateado, mas às vezes eu fico sem graça, é que eu costumo dizer, quando a pessoa já me conhece: ‘olha só, o jornalista sou eu, eu é que tenho que fazer pergunta.’ Prá amenizar um pouco quando as pessoas ficam sem jeito de me perguntar e quando acabam perguntando acabo que eu é que fico sem jeito dependendo da pergunta que ela faça. Aí eu faço essa brincadeira.
83. FC – Se a pessoa não te conhece, exemplo na universidade; um colega meu leva um susto de te ver e quer saber o que você faz, o que você não faz. Te fazem bastante perguntas. E nisso eles podem me ajudar melhor, sabendo que eu não enxergo o quadro eles copiam a matéria prá mim e assim vai indo.
84. PC – Hoje vocês estão num estágio que vocês educam os outros a lidar com vocês.
85. GC – Eu acho que a maioria das vezes as pessoas não fazem de sacanagem. Fazem porque elas não conhecem, não sabem como lidar e acabam fazendo uma pergunta idiota. Eu me lembro de uma ascensorista nova perguntar prá minha mãe, se eu falava! Isso agora é muito pouco, na faculdade quase não acontece. Mas na cidade onde meus pais moram, eu tava numa loja e em vez do cara perguntar qual era o meu nome, ele perguntou prá minha mãe, qual era o meu nome. Aí eu respondi, meu nome é Gabriel. Então às vezes as pessoas fazem esse tipo de pergunta, mas não é porque// é porque elas não sabem. Eles acham que você tem uma deficiência mental, só porque você tem dificuldade de se locomover.
86. P – Vocês sentem nesses momentos uma certa invisibilidade, é como se vocês fossem invisíveis? Porque teve um moço que fez uma tese sobre os garis, ele trabalhou como gari e lançou essa tese, que tem pessoas que estão no mundo mas é como se elas estivessem invisíveis. Então vocês falam: ‘bom mas as pessoas não conhecem’, mas sempre teve um monte de gente por aí, mas não ganhava a rua.
87. GC – Eu acho que você não notar uma pessoa com deficiência na rua é muito difícil, porque ela geralmente destoa. Por exemplo, uma cadeira de rodas não é normal você ver uma cadeira, aqui no Brasil e a pessoa andando de ônibus. Então nesse caso não é muito aplicável. São vistos mas de uma maneira diferente, as pessoas não sabem como lidar, com a gente.
88. LC – Eu não sei se é bem isso. Eu acho que tem pessoas que se aproximam sim. Mas que a qualquer momento, não é nem nas perguntas, que a qualquer momento, pode ser o teu melhor amigo. Mas que a qualquer momento ele vai te falar alguma coisa, que você vai se sentir// Mas não é com uma pergunta, é o modo como chegar a você, é o modo como lidar com você. Eu não sei o que quê é, mais é muito chato você tar com alguém e de repente vê que aquela pessoa tem algum tipo de (...) preconceito, uma idéia mal formulada, uma idéia que você discorda da tua idéia com relação à deficiência. Eu acho que o preconceito às vezes, ele ta até, é, (...) não visível, ele ta quase invisível, mas que você vê através de uma palavra, num modo de agir, de um olhar, de um gesto, você percebe. Então eu queria sair do campo da ignorância, eu queria ir mais fundo, eu acho que tem um preconceito que você talvez por falta de conhecimento, ou por modo de ver o mundo, tem preconceito de nível pessoal, de pessoa prá pessoa. E de repente uma pessoa que você ama, adora, seu amigão, sua amigona e você PERCEBE lá no fundo aquela idéia divergente e você diz: ‘meu Deus! O que quê essa pessoa tá me dizendo tá me desconstruindo toda!’

O enunciado de que as reações adversas em relação à deficiência são fruto da ignorância sobre as potencialidades das pessoas com lesão é facilmente perceptível nos discursos brasileiros. Ele é mote da campanhas ‘*ser diferente é*

*normal*' e objeto de 'manuais de mídia', por exemplo (Lacerda, 2005). O tópico da ignorância foi retomado na entrevista coletiva [*quadro 10*], inicialmente com as ponderações de Antenor, Isis e Matias, que se posicionam como transformadores da curiosidade alheia (mesmo das perguntas bobas) em oportunidade de prestar esclarecimentos sobre si, recusando a posição de quem se ofende facilmente.

Nas entrevistas individuais de Lia e Gabriel, foram narradas algumas situações onde pessoas se dirigiam aos seus acompanhantes para perguntar seus nomes ou outra informação a seu respeito. Nos dois casos, estes *outros* foram posicionados como preconceituosos e essa atitude como diminuidora. Na entrevista coletiva, os mesmos exemplos foram retomados, mas, desta vez, aqueles que os abordam na rua, pressupondo incapacidade, foram posicionados como ignorantes e não como preconceituosos. Gabriel, afirmou que as '*perguntas idiotas*' não são feitas por maldade, alinhando-se à posição dos outros interagentes. Nesta perspectiva, em vez da reação agressiva que o primeiro enquadre recomendava, outras atitudes são citadas. Em vez da indignação, aparece a paciência para mostrar ao *outro ignorante* que ele está se baseando num conceito equivocado - por exemplo: que as pessoas com deficiência física necessariamente têm deficiência mental. Diante do *outro ignorante*, muitos deles tomam para si a responsabilidade de ensinar a lidar consigo, dizendo aos professores como avaliá-los, pedindo aos colegas para ajudar de determinada maneira, pedindo, no ponto de ônibus, que alguém os ajude, mostrando como segurá-los ou guiá-los numa situação de rua. Outra estratégia mencionada foi o humor. Antenor, disse que quando alguém lhe faz alguma pergunta constrangedora ele responde em tom de brincadeira: *o jornalista aqui sou eu, quem tem que fazer as perguntas sou eu*. [82]

Lia, na posição de quem aprofunda a discussão, intervém para '*sair do campo da ignorância*' [88] e propor uma distinção entre a falta de conhecimento e o preconceito, que circula no discurso hegemônico e aparece na boca de quem menos se espera. Ela sustenta que o impacto de uma idéia desvalorizadora, vinda de um desconhecido (um *outro ignorante*), tem um efeito menos devastador do que quando circula pelo discurso de alguém próximo, íntimo, alguém em que se confia. Uma vez que a validação social é dada nas relações subjetivantes, uma palavra ou um gesto preconceituoso vindo de alguém suposto de sustentar sua

posição de pessoa plena, tem força de uma desconstrução [trecho 88] *‘Meu Deus! O que quê essa pessoa tá me dizendo tá me desconstruindo toda!’*

Esse entendimento de que o preconceito atua através das pessoas que nos conhecem, traz a dimensão social do pensamento e mostra o quão sorrateiras são as tais barreiras invisíveis que se conservam na linguagem. A análise do discurso se presta a iluminar o que Lia descreve como algo quase invisível, mas que você ‘vê através de uma palavra, um gesto’. Mais importante do que brigar por este ou aquele termo – que se sucedem sem esvaziar o veneno, talvez seja mostrar a historicidade de expressões e palavras naturalizadas pela cultura, que acionam as barreiras invisíveis tais como: retardado, autista, down, usadas largamente como atributos desqualificadores. A percepção do mecanismo de construção dessas barreiras tem, como consequência, a inversão do sentido de quem é o sujeito a corrigir. Explico: se na ‘invenção’ da anormalidade, os saberes médicos se uniram aos jurídicos para enquadrar os indivíduos ao corpo social, mesmo que trancafiados em hospícios e escolas segregadas (Foucault, 2002), a pauta dos Direitos Humanos instala uma série de declarações e leis que transformam os comportamentos racistas, xenófobos, sexistas [eficientistas, etc. - complementar], como formas de discriminação a serem coibidas. Assim, a partir de um modelo social de deficiência, o que precisa ser ‘corrigido’ ou ‘reabilitado’ são os comportamentos que discriminam negativamente outros humanos. Além disso, o outro ignorante não é necessariamente alguém sem conhecimentos. No extrato abaixo [45], por exemplo, Lia relata sua entrevista com a neurologista encarregada de sua avaliação para ocupar a vaga do emprego para o qual tinha sido aprovada. A médica é posicionada como uma pessoa ignorante, que fantasia a deficiência, e não como alguém que tem um saber a ser respeitado.

45. LC – [...] Quando eu tava lá com a neurologista bam-bam-bam, ela perguntou: ‘você vai ao banheiro sozinha?’ [ri] ‘Você usa o computador sem adaptação? Você anda de ônibus?’ [ri] O que quê tem eu andar de ônibus? Eu podia ter motorista né? Não podia? É um direito que eu tenho. Sabe, então acho que essas questões são meio loucas. As pessoas fantasiam a deficiência. E era uma neurologista!

#### 5.4 Balanço de posições



Ana Maria Crespo, no artigo *Nem coitadinho nem super-herói* (1995:2), critica as duas posições mais disponíveis para as pessoas com deficiência no Brasil, por serem duas faces da mesma moeda.

*“Estas duas visões — embora diferentes — inspiram, cada uma a seu modo, atitudes sempre danosas para inclusão e a dignidade dos portadores de deficiência. De um lado, a imagem de coitadinho inspira atitudes paternalistas, assistencialistas e caritativas, ou seja, exclui toda noção de respeito aos mais básicos direitos como, por exemplo, o da autodeterminação. De outro lado, a visão de super-herói induz a que se desconsidere a necessidade de a sociedade remover os obstáculos que dificultam a vida dos deficientes, já que a força de vontade, a coragem e a determinação dessas pessoas seriam suficientes para que fossem bem-sucedidas na vida e, em decorrência, serem integradas à sociedade. Neste caso, a noção de cidadão com direitos também é excluída.”*

No entanto, mesmo sendo criticadas e havendo sinais de que outras posições estão sendo ocupadas, na entrevista coletiva, esta dicotomia ‘coitado-herói’ parece ter funcionado ainda como a matriz principal dos posicionamentos dos entrevistados. Para escapar do *lugar de coitadinhos* e toda a carga de dependência e proteção incapacitante que ela traz consigo, aciona-se o lugar de exemplo de superação individual. Essa não foi uma posição unânime no grupo, podemos destacar na fala de Lia e no silêncio de Isis algum distanciamento destas posições, mas o efeito de grupo fez prevalecer a idéia de que remover os obstáculos que dificultam a vida dos deficientes é mais difícil do que tocar a vida com força e vontade de lutar pessoalmente contra os obstáculos. Nesse sentido, a formação discursiva mais acionada é a da integração, ou seja, cada um se adaptando ao meio para viver melhor.

Em contrapartida, podemos dizer que o discurso da não diferenciação entre as pessoas seja pela via do ‘*somos todos seres humanos*’, ou ‘*somos cidadãos e pagamos impostos como os outros*’ ou ainda ‘*todo mundo é deficiente em alguma coisa*’ foi um ponto de convergência.

O apagamento da diferença e a recusa de identificação com a posição ‘pessoa com deficiência’ distanciam os entrevistados de qualquer possibilidade de ativismo, na lógica da ação afirmativa. No entanto, é interessante perceber que muitos deles estão encontrando portas abertas para se incluírem na sociedade, justamente, no nicho de ‘pessoas com deficiência’. Vejamos. Antenor entrou na universidade pelo sistema de cotas, foi bolsista do PRB e apresenta um programa na *webrádio* da universidade que trata de questões da deficiência. Lia é professora

do Estado numa escola especial, sua dissertação de mestrado versou sobre as representações de professores sobre alunos com paralisia cerebral e ela acabou de passar num concurso utilizando o sistema de cotas de trabalho. Ruth é professora de braille para pessoas que acabaram de ficar cegas num instituto especializado em cegos e pretende fazer mestrado em educação para trabalhar a relação entre conhecimento e identidade de pessoas com deficiência (visual). Matias é professor de braille para não cegos e faz curso de especialização em educação especial. Josué tem o projeto de trabalhar na Associação que foi fundada graças ao esforço de sua mãe e o tema da sua monografia de final de curso estava ligado a problemática da anormalidade. Flávio tinha pensado em trabalhar com pessoas com deficiência mas está num momento de indecisão.

Apenas Gabriel pretende trabalhar com jornalismo esportivo, não ligado à deficiência. Teria vontade de participar de paraolimpíada, se houvesse prova de escalada. Sua decisão pode ter relação também com sua posição de classe, já que esta costuma ser, num país com a estrutura de desigualdades como a do Brasil, o melhor preditor das oportunidades de trabalho.

O princípio de identificação, que está na base dos grupos de apoio mútuo - tais como Alcoólatras Anônimos, Narcóticos Anônimos e outros - e que constitui um pilar da posituação da deficiência em outros países, não é uma referência entre os sujeitos entrevistados. Assim, temos que a posição que tem mais adesão entre os participantes desta pesquisa é que criar uma identidade coletiva de pessoas com deficiência é algo indesejável. Revisitando o mote – *Nada sobre nós sem nós* – podemos nos perguntar quem serão aqueles que ocuparão este *nós*, se as pessoas com a experiência da deficiência e boa formação recusarem essa posição?